

A LEITURA SOB A ÓTICA DOS PARÂMETROS CURRICULARES

Rosemary Roque de Aquino ¹; Lucicleide Araújo Rodrigues ²

¹ Secretaria de Educação/Campina Grande-PB – quinorosemary@yahoo.com.br; ² Universidade Estadual da Paraíba/Campus I – lucleidearaujo727@gmail.com

RESUMO: A referida produção faz alusão a um trabalho de pesquisa desenvolvido e apresentado num trabalho acadêmico para conclusão do curso de Especialização em Formação do Educador, que teve como eixo norteador o fazer pedagógico da leitura e o resultado da mesma através da produção escrita dos educandos, alavancando assim um fazer pedagógico necessário numa perspectiva de leitura além da decodificação e especialmente um acontecer pedagógico num caminho do letramento, esse nos impulsiona o fazer de leitura e escrita de uma escolarização real e efetiva da população e não apenas mais pessoas sabendo ler e escrever precariamente mas ler para compreender o sentido do que se ler e como fazer uso desta; bem como estarem preparados para um mercado de trabalho com competências mais reais de leitura e escrita. Portanto a reflexão ao que concerne ao momento da avaliação foi compreendida como elemento integrador entre aprendizagem e ensino através de um conjunto de ações que se buscou obter informações sobre o que foi aprendido, e esses elementos são elementos de reflexão continua para o professor sobre a sua prática educativa e assim buscar instrumentos que impulsionem os educandos a tomar consciência de seus avanços dificuldades e possibilidades. Nessa caminhada os educando iam apropriando-se do saber através da leitura contextualizada. No aspecto da avaliação construtivista a perspectiva foi de formar cidadãos, participativos e autônomos, nessa ótica o educando tornou-se o próprio autor do processo e inibindo-se assim a ideia de “educação bancária”; é a reprodução tal qual “– eu ensinei”.

Palavras chaves: Leitura, letramento, construtivismo, avaliação construtivista.

INTRODUÇÃO

Ao Realizar um projeto de pesquisa referente à leitura/escrita foi impreterivelmente necessário e fundamental compreender como a escola trabalha essa relação, tendo em vista que a escola enquanto instituição tem uma função primordial, qual seja, ensinar a ler e ampliar o domínio dos níveis de leitura/ escrita, principalmente no contexto atual em que vivemos dependentes da comunicação, e que exige indivíduos que dominem bem a leitura/escrita, pois estes estão inseridos no mundo das mensagens escritas como placas, avisos luminosos, outdoors, cartas, bilhetes, conta de luz, entre outros. Fazendo-se necessário, portanto incluir educandos em condições de leituras contextualizadas.

Os PCNS vol: 2(1997) deixam claro que “no nosso dia-a-dia os textos estão por toda parte e trazem informações”. Entretanto, o importante é que o material escrito apresentado aos alunos seja interessante e desperte sua curiosidade. Textos literários e poesias também devem ser utilizados em

sala de aula. Para entendermos a proposta desde critério acadêmico foi realizada uma pesquisa de campo apoiado no conhecimento teórico do construtivismo, letramento e leitura /escrita pautado em renomados estudiosos como Piaget, Vygotsky, Bakhtin, Magda Soares, entre outros. Ao que refere ao trabalho da sala de aula com os educandos que tiveram experiência de leitura com o livro "Tem cartas para mim" que mostra uma sequência de textos do gênero carta; paralelo à prática com os escolares, no qual foram realizados 5 encontros com 4 professores para promover uma roda de conversa sobre a leitura e a escrita na sala de aula com escolares do 4º e 5º ano do ensino fundamental I.

O objetivo desta proposta acadêmica foi proporcionar aos educandos em questão uma perspectiva inclusiva através da vontade política de um fazer metodológico que possa desenvolver o imaginário dos educandos dentro da potencialidade crítica de cada um. Também se pretendeu promover um debate para provocar a reflexão de educadores que se encontram frente a turmas de 4º e 5º anos referentes ao contexto de leitura e escrita que promovesse no caminho do gênero textual. Esse caminho perpassa pelo conhecimento mais consistente de conhecer a características do texto bem como interpretar os conteúdos nele contido. Em linhas gerais é a materialização (o fazer acontecer); pois neste contexto os escolares precisam sair do "apenas decodificar sem compreender torna-se inútil; compreender sem decodificar impossível. Há de se pensar na questão dialética, assim refere" (MARTINS, 1994,P.23). Portanto, o mesmo sintetiza essa ideia com a reflexão sobre a decodificação versus compreensão. "A evidência é que decodificar sem compreender na verdade é uma visão sistemática e metódica que limita as experiências individuais". Entretanto, a leitura vai além-texto (seja ela qual for) começa antes do contato com ele. Já que os escolares têm a sua volta inúmeras experiências de leitura, portanto eles já chegam ao ambiente escolar com a leitura de mundo e representando os mais variados significados.

METODOLOGIA

A metodologia aqui desenvolvida, teve como campo de estudo a Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde, que funciona nos três turnos, sendo essa com base primordial relativo à efetivação do um fazer pedagógico para o campo da leitura e escrita que vá além da decodificação para o "fazer acontecer". Buscou-se basear-se na teoria construtivista, acreditando ser este o eixo básico fundamental para o desenvolvimento do indivíduo na caminhada da escola institucional que dê condições de favorecer ambientes que oportunize o uso da leitura e escrita em situações contextualizada; ou seja, ao trabalhar o escrito do cotidiano dos alunos, possibilitou a proposta



interacionista, que possibilita materializar a proposta construtivista no qual o escolar, parte do conhecimento que traz com ele e segue para passos de ampliar horizontes, possibilitando o “letrar” dos escolares numa perspectiva motivadora, pois, o professor será um orientador e facilitador do conhecimento e não um mero transmissor de conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse caminhar dentro dos princípios construtivista, se procurou colocar os estudantes diante de situações práticas e teóricas que os levaram a encontrarem soluções para os desafios propostos e assim materializou-se o conhecimento através da produção do gênero textual carta. Ainda dentro desse processo dos princípios construtivistas foi respeitado os níveis de amadurecimento, desenvolvimento e conhecimento de cada escolar. Também se buscou incentivar os alunos na busca de novos conhecimentos e na aprendizagem dos mesmos junto a conhecimentos já existentes. Foi possível verificar o fazer pedagógico como um processo dinâmico e não estático assim como ocorre nos métodos pedagógicos tradicionais. Não foi um entendimento como uma versão exata da realidade, mas sim uma reconstrução daqueles que estiveram aprendendo especificamente num olhar contextualizado.

A experiência da escrita com o gênero textual carta evitou uma prática de leitura que se ecoa no vazio. Pois “a produção escrita não foi vista apenas como um dom” assim referiu (SERCUNDES, 1997). No capítulo dos resultados, foram analisados 3 produções dos escolares que foram selecionados num universo de 24 de uma turma de 5º ano da escola supracitada.

Das reflexões dos professores foi possível materializar uma lauda sobre as discussões dos 5 encontros sobre o eixo norteador desse trabalho foi como trabalhar o letramento na perspectiva do construtivismo para assim compreender e efetivar proposta dos PCNS (Língua Portuguesa Vol.: 2) a exemplo de possibilitar:

...uma leitura de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural a escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (Parâmetros Curriculares, Brasília 1997, p.23).

Como resultado das discussões dos professores que foi realizado semanalmente durante 5 encontros que tivemos como metodologia a leitura de resumos da teoria construtivista e sobre o letramento através de dinâmicas de leitura do texto poema “Operário em Construção” de Vinícius de Moraes nos encontros seguintes foram lidos resumos sobre leitura/escrita na escola, teoria

construtivista, avaliação construtivista resultando na reflexão que segue, (pois os mesmos também realizaram as atividades de leitura e escrita na sala de aula proposto neste trabalho acadêmico).

Na ótica dos professores na produção do gênero textual na visão construtivista do letramento foi relatado que o gênero textual carta mobilizou os escolares numa perspectiva salutar, pois os envolvidos __ Escreveram com toda emoção! “É como o querer compreender o momento e o mundo”. Assim refere Abramovich (1992, p.6). Ao promover esse processo de aprendizagem de leitura e escrita do gênero textual carta na ótica do letramento com base teórica construtivista percebeu-se uma ética da responsabilidade enorme, pois é preciso ter vontade política para arregaçar as mangas, buscar trabalhar em dupla ou em grupo e está caminhado paralelamente com as práticas na sala de aula atrelado a pesquisa sobre os pressupostos filosóficos, didáticos e psicológicos estes sem duvida são o ‘tripé’ que impulsiona para que as técnicas e conteúdos se transformem num prazer de estudar para emergir materialmente e espiritualmente, porque a vida vista pelo eterno, nós elevamos, e não serve apenas para atender a ideologias dominantes, mas principalmente o fazer acontecer às necessidades internas de cada um, e que fica claro que professores são conscientes que não é fácil trabalhar a leitura e escrita na ótica de liberdade do pensar; por mais que se tente buscar possibilidades de melhorar o trabalho pedagógico sempre estamos atendendo o sistema; entretanto não é impossível para sonhadores que fazem como a estória do beija-flor que tentava apagar o fogo da floresta com suas gotículas d’água e os outros animais não tomava nenhuma iniciativa, apenas o criticavam. Mas fica a dica da expressão em homenagem a historia do beijar flor já citada (viva os pequeninos que abrem mão de sua pequenez e se transforma no gigante do fazer). Portanto conclui-se que tanto o educando como os educadores estão inseridos num contexto eminentemente político e social e política é tomada de decisão.

Sobre o construtivismo é importante ressaltar que o mesmo é uma prática pedagógica que leva ao aluno construir o conhecimento com uma perspectiva de uma autonomia moral intelectual, e é fundamentada na psicologia do desenvolvimento baseada no processo da psicogênese, ou seja, o conhecimento tem uma gênese que passa por um processo evolutivo, no qual PIAGET (1988, p.298), “considerou que o desequilíbrio é necessário”. O mesmo explica que a interação da criança valendo-se dos conceitos de assimilação, acomodação e adaptação, essa interação valendo-se destes conceitos tomados da biologia, ciência na qual iniciou sua formação. Assimilação é a incorporação de um novo objeto ou ideia já reconhecido, ou seja, ao esquema que a criança já possui. A acomodação, por sua vez, implica na transformação que o organismo sofre para poder lidar com o

ambiente; adaptação é estágio de aceitação que na verdade está preparado para o novo processo que o processo de aquisição do conhecimento ocorre durante toda a vida.

Já o contemporâneo Wallon (1972, p.22), aproxima-se em alguns aspectos do epistemológico suíço Piaget em outros se distancia de modo significativo. Ele considera que o seu objeto de estudo é a pessoa concreta- homem biológico e psicológico, histórico e socialmente contextualizado, não pode ignorar as “políticas sociais de educação fazendo com que a obra educativa se torne artificial e limitada” e sim se precisa de vontade política que possibilite um caminho não opressor, respeitando assim o processo educacional que envolve o um indivíduo psicológico que tem seu tempo de maturação no qual terá um equilíbrio se fora trabalhado com responsabilidade e para isso o educador terá uma capacitação nos aspectos teóricos e práticos no campo da Psicologia, Filosofia e Didática.

O soviético Vygotsky, contribui com o seu objeto de estudo centralizado no ser sócio histórico e através da dialogicidade, sendo a linguagem o ponto máximo que contribui na construção do conhecimento, portanto pode-se afirmar que os escolares chegam às escolas com um conhecimento de mundo cabendo ao professor promover situações que possam ampliar conhecimentos de linguagem que já vem com o aluno. O teórico em questão dá ênfase a linguagem que chamou de instrumento usado pelo homem na organização de desenvolvimento dos processos de pensamento. A linguagem além de possibilitar o contato social com outras pessoas, ela é primordial no desenvolvimento intelectual do indivíduo.

A contribuição original desse psicólogo soviético é o estudo sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem onde ele distingue o que chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que trata da distância entre o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. A ZDP, define as funções do indivíduo que está na transição do amadurecimento com uma estimulação adequada.

Segundo Goulart (1998, p. 24), os construtivistas soviéticos Vygotsky e Luria, refletiram sobre o construtivismo numa perspectiva de uma psicologia adequada nos princípios do materialismo histórico e dialético; pois estes se basearam na teoria Marxista, segundo a qual há mudanças históricas na sociedade e na vida da natureza humana (consciência e pensamento) num caminho evolutivo com contato social.

O professor ao avaliar no construtivismo deverá partir da reflexão do erro que passa a ser visto como uma ponte para o acerto (errando é que se aprende), pois, para Ferreiro (1990, p. 30), na

construção da criança a mesma passa por etapas importantes considerados muitas vezes “errados” do ponto de vista convencional, mas “acertos” para ela os mesmos são lógicos e sobretudo necessários — “erros construtivista” O educando não pode ser corrigido de forma brusca e sim da forma mais sutil possível através da motivação. O educador rompe definitivamente o desastre da avaliação opressora e oportuniza a mesma para a natureza qualificadora que pressupõe a quantidade. Libâneo (1994, p. 19) comenta sobre o professor não ser um conferencista e sim estimular a pesquisa e não dá soluções prontas.

Sobre o letramento recorreu-se as ideias de SOARES (,2002, p.19) refere sobre o conceito que surgiu a quase três décadas no campo da ciência linguística e da educação, acreditando-se que o seu surgimento foi decorrente da necessidade de configurar e nomear comportamento e praticas sociais na área da leitura e escrita que ultrapassa o domínio do sistema alfabético e ortográfico. Então se resume que letramento é o olha além de apenas soletrar nem grafar o b a bá, ou seja sons e grafia separados isoladamente, mas sim com análise reflexiva apoiado na dialogicidade que possibilite o educando reproduzir textos com competências contextualizadas. Para que o mesmo aconteça, ele precisa de uma escolarização real e efetiva da população. Para finalizar essa ideia credita-se em levantar um sonho ideológico do querer fazer uma leitura de mundo que muitos educadores acreditam levar a semente na universalidade da educação.

Para o resultado efetivo do estudo proposto, foram necessários alguns esclarecimentos importantes para dar base à compreensão e a efetivação com êxito promissor ao trabalho aqui sugerido. Então foi necessário fazer conhecer o breve caminho no conhecimento da leitura no Brasil no qual (Luckesi, 1996,p:126), referiu “que era somente permitido ler apenas os portugueses aqui aportados (senhores de engenho, os filhos destes e as pessoas ligadas à administração da colônia) permitindo ler apenas o que servia de interesse da época ,portanto lia-se exclusivamente sobre valores, problemas e urgência de Portugal, França e Inglaterra. Vemos ai esta a evidência que a leitura não podia ser questionada, porque questionamento oportunizaria a dialogicidade, entretanto para o contexto da colonização era inadmissível, ficando conveniente a situação monólogo, restava para a materialização da escrita repetir os conhecimentos depositados numa perspectiva alienante para atender a grupos dominantes. “Aos nos transpormos para o momento da industrialização até os dias do avanço da modernização, seguimos modelos de leituras prontas e que ainda por cima com conteúdos importados do tipo: “Tios Patinhas, Super Man entre outros” (Luckesi, 1996:p.132)”. Ao se fazer umas reflexões da essência dessa colocação do autor sobre as mensagens nos tipos de personagens importadas ver-se que foge totalmente a realidade do Brasil, fazendo jus a alienação.

Ainda sobre a intenção da leitura no Brasil, percebesse essa leitura e escrita como uma relação de poder, de um lado os privilegiados com um nível letrado que sustenta o sistema imposto pela elite e por outro lado os excluídos num caminho tortuoso que tem pouco acesso e assim trilhando numa perspectiva de extrema exclusão, a exemplo que muitos não chegam a concluir o ensino fundamental II, Ensino Médio e outros quando chegam a Universidade sentem dificuldade em interpretar os textos acadêmicos em consequência da dificuldade na leitura funcional. Ao beber na fonte da essência da leitura, a própria palavra essência é de uma profundidade impar; portanto ao refletir sobre os sentidos de cada individuo, ou seja, cada um com uma psique com uma razão que possa perceber o que os rodeiam, seja um pequeno fato ou reação da pessoa; são verdadeiras revelações para quem observa nas entrelinhas o que realmente quer dizer o gesto ou a palavra verbal ou escrita, não é algo banal mas sim construtivo e que tem ligação com um todo na qual tem uma explicação lógica.

Na busca etimológica observa-se que o verbo ler vem do latim ‘legere’ e significa “o gesto de catar” (picar grãos como galinhas o executam), significando que leitura é a escolha aleatória de elementos tirados um por um do seu contexto onde está inserido um ser humano social. No livro “O Que é Leitura”, a autora Martins (1994, p. 8-9), faz alusão sobre um objeto decorativo: vaso ou cinzeiro que passaria a ser percebido como uma conjunção de fatores pessoais com o momento, o lugar e as circunstâncias, que acrescentamos pelo processo de fabricação que passou, no qual foram envolvidos vários autores para materialização destes objetos, desde a matéria prima até chegar à sala decorativa do cidadão que está inserido no contexto histórico; sendo oportuno fazer jus a afirmação:

A seleção dos significados se opera por força de um contexto de justiça Esse contexto é o da experiência humana, que os confere valor um sinal que em principio é vazio e só passa a portar significados por um ato de convenção eminentemente social. Que se convencionou algo é conjunto de valores convencionados é chamado de cultivo e por isso mesmo perfeitamente legível porque é criado pelo homem (BORDONI,1993,p.16).

Percebe-se que a leitura tem, sem dúvida alguma, uma essência social que se amplia através dos símbolos produzidos pelos indivíduos sociais. E que através da leitura exercitamos nossa inteligência e nos integramos com o mundo. Adquirimos novos conhecimentos, tornando-se mais aptos para dominarmos assuntos em diversas situações firmando assim uma personalidade com necessidade de uma boa base nos aspectos: cognitivos, sociais e psicológicos. A leitura tem um lugar importante na vida das pessoas tornando-as cidadãos críticos e com capacidade de renovar a



nossa criatividade. Se a mesma for praticada com prazer e dinamismo, temos uma companhia essencialmente necessária. A noção de leitura pode ser percebida desde o nascimento, quando percebemos “o calor e aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos os braços carinhosos que nos enlaçam, a luz excessiva nos irrita enquanto a penumbra nos tranquiliza” [...] (MARTINS, 1994, p.30) sintetiza em duas caracterizações :

- 1) Como uma decodificação de signos linguísticos por meio de aprendizado estabelecido a parti do condicionamento estímulo- resposta (uma olhar na perspectiva behaviorista);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica: componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, filosóficos, neurológicos, bem como culturais e econômicos.

Na ótica interdisciplinar aponta a segunda caracterização como um caminho que dê condições para uma abordagem mais ampliada é os passos para ótica de um ser holístico.

Ao tocante a origem da escrita é oportuno citar que com surgimento da escrita o homem inicia uma nova história pontuada por documentos escritos (materialização da linguagem e do pensamento); iniciando-se um novo processo evolutivo no qual não para por serem os atos e ações educativas permanentes e contínuas, logo não é permitido ignorarmos que educandos cheguem ao contexto acadêmico universitário com bastante dificuldade para compreender e conseqüentemente produzir; e partindo deste pressuposto reflete-se que leitura/escrita deve ser tratada com possibilidades de inclusão, não bastando apenas decifrar o código de suas línguas, mas torna-se um sujeito com pensar reflexivo, e este mesmo numa perspectiva da essência da consciência fazendo parte desse coletivo. O cidadão inserido nesse contexto terá oportunidade de transformar o seu mundo material e espiritual numa visão holística.

Aspecto importante a serem considerados é sobre produção textual no qual Sercundes (1997) descreve a existência de três linhas metodologias que visam á produção de textos:

- (1) A escrita como um dom, partindo de um simples titulo, tema, para os alunos escreverem inexistindo uma atividade prévia para se iniciar um trabalho de produção;
- 2) Nessa ótica a escrita é vista como consequência, cujo eixo de partida é o saber oral que conduzirá a uma escrita, nesse caso deve existir um pretexto para a produção escrita(apreciar um filme, dar um passeio, ler historias), a escrita nesse caso é tida como final e por fim;



3) A escrita como trabalho, também parte do saber oral, mas é a produção escrita como continua produção de conhecimento.

Sergundes (1997) chama atenção para a escrita vista como um dom, “são produções desvinculadas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor que não apresenta etapa de processo mais amplo de construção do conhecimento, corre o risco do aluno pensar que o ato de escrever só articular informações” e só conseguirá fazer só aqueles que têm dom; no entanto sabemos que escrever depende do exercício continuado, isto é uma efetiva atividade continua que desencadeia a outra, possibilitando construir conhecimentos e não apenas preencher o tempo do aluno. A produção nesse contexto teve como base de compreensão como um processo contínuo de ensino-aprendizagem integrado as reais necessidades do escolar tendo como ponto de partida primordial para o ato de escrever as experiências vividas pelos mesmos a exemplo de cartas, e-mails, folders, entre outros.

Segue 3 produções para posterior análise que foram desenvolvidas a exemplo de atividades de leitura com as cartas do livro “Tem cartas para mim” seguido de aula expositiva sobre o conceito de cartas, os tipos de cartas e a estrutura da carta seguido de uma produção individual do gênero em questão no qual foi solicitado que os escolares escrevem uma carta para quem endereçasse; também foi dedicado um momento para leitura deleite com tema: Valores e para algumas correções gramaticais coletivamente para posterior reescrita embora não se preocupou aqui em exigir uma prática de escrita com perfeições gramaticais, mas sobretudo a ideia contida nos textos porque educandos chegam com “leituras de mundo” e que precisam de motivação para essas ideias que estão ainda no mundo imaginário saiam desse campo; embora se reservasse um momento para a reflexão da escrita dos mesmos.

Campina Grande 09 de novembro de 2014

Tio Silvio,

Oi tudo bem?

Pelo menos aqui tudo bem. Domingo que Vai ter a festa o E.J.C de Raquel, Robson, Lenice e Cristina. Mainha é quem vai fazer o bolo. Mainha não poderá ir a para a festa da nossa prima Bell. Mainha esta falando que espera que o senhor compreenda. Mas eu irei com a Paulinha e vai ser aquele festão. Mais olha eu espero que o senhor venha na minha festa de formatura do 5º ano. Eu estou sonhado com a presença de todos da família e o senhor não poderá faltar.

W.B.A

Tchau!

Campina Grande 09 de novembro de 2014

Excelsíssima senhora presidente da República, Dilma Roself

Meus cumprimentos,

Venho por meio dessa simples cartinha fazer-lhe um pedido. Sei que o nosso país é imenso e tem muitos problemas para serem resolvidos, mas gostaria que vossa excelência olhasse para o Nordeste e a cidade de Campina Grande no que diz respeito a educação , saúde e a segurança; pois falta remédios nos postos, e falta material de esportes na escola e a segurança está muito ruim aqui na nossa cidade, tem assalto direto e ninguém toma providência de diminuir a

Campina Grande,09 de novembro de 2014

Querida Rosemary,

Professora Rosemary, eu gosto muito da senhora, porque a senhora quer que agente aprenda a ler e escrever . Quando eu cheguei no 5º ano eu lia pouco, mas agora leio muito. a senhora me ensinou muitas coisas sobre carta e problemas de Matemática que também eu tinha muita dificuldade. A minha mãe disse que a senhora é uma professora muito boa. Eu não vou nunca vou esquecer da senhora.

Te amo professora.

H.N.B

Observou-se nos escritos dos alunos a possibilidade de expressarem a sua geografia a relação com a religiosidade, à afetividade com a família, com os amigos e com os professores e entendimento das necessidades políticas e econômicas de um país, região e ou cidade, no contexto

da carta para uma autoridade política o escolar recorreu a aprendizagem do conteúdo da carta do tipo formal. Fica notório o entendimento de mundo, que faz parte dele e se veem participando do mundo dos outros. Portanto a leitura/escrita perspectiva do letramento dá um norte para que o aluno possa ampliar horizontes com possibilidades reais de inclusão como já referido anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa possibilitou perceber que a leitura/escrita têm uma base essencialmente social, e um projeto na perspectiva construtivista significa ampliar horizontes dos educandos na ótica holística. Sendo o letramento o caminho para um conjunto de práticas de leituras e escritas contextualizadas que precisam ser desenvolvidas na sala de aula com dinamismo através de práticas metodológicas inclusivas sem esquecer que o acontecer da aprendizagem vai fluindo gradativamente.

Foi possível perceber que essa proposta pode ser trabalhada numa perspectiva multidisciplinar, já que pode-se trabalhar um referido texto e envolver vários conteúdos seja de Português, História, geografia e Matemática; pois muitas são as linguagens inseridas nos mais variados textos, tendo a escrita uma companheira que possibilita materializar o conhecimento já existente do aluno mais o adquirido

O professor precisa estar baseado no tripé teórico pedagógicos sendo estes pressupostos filosóficos, didáticos e psicológicos. Possibilitando assim um caminhar de leitura e escrita através de planejamentos claros e bem definidos; sendo imprescindível prever proposta de atividade articulada com situações que favoreçam as diferentes formas de se relacionar e interagir, podendo emergir numa possibilidade salutar, tanto materialmente como espiritualmente sendo que o professor precisa estar consciente que constrói junto com o escolar percebendo assim a relação de reciprocidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVIC, Tem carta para mim? São Paulo: Scipione, 1992.

BORDONI, Maria Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura- A formação da leitura: Alternativa Metodológica. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1993.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

GERALDI, J.W.(org.) A educação na perspectiva construtivista: Reflexões de uma equipe interdisciplinar. 2ª edição Petropolis: Vozes, 1998.

LIBANEO, Carlos. Didática: Coleção Magisterio. 2º grau. Série: Formação do Professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LUKESI, Cipriano; Et Al. Fazer Universidade: Uma Proposta Metodológica. 18ª Ed. São Paulo, Cortez Editora, 1998.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIAGET, Jean: O julgamento Moral da Criança. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1988.

SERGUNDES, M. M. I. Ensinando a escrever. In: GERALDI, J.W.; CITELLI, B. (Org.) Aprender e ensinar com textos dos alunos. vol 1. São Paulo: Cortez, 1997, p. 75-97

SOARES, Magda: Letramento – Um tema em três gêneros. 2ª ed. São Paulo Autêntica. 2002.

VIGOTSKY, Lev S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. Fundamentos metafísicos ou fundamentos dialéticos da personalidade, IN: Objetivos e métodos da psicologia. Lisboa : Editorial Estampa, 1972.